

Americano ainda acredita no Brasil

Sônia Carvalho

São Paulo — Você compraria ações da Brasil S.A., uma empresa que amarga um endividamento de 112 bilhões de dólares e uma monumental dificuldade de saldar seus débitos com os credores? O americano David Benadoff, de 52 anos, mergulharia de cabeça nesse investimento. Há dois anos no comando da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, seção São Paulo, e há 12 na presidência da subsidiária brasileira da J.I. Case, um dos maiores fabricantes mundiais de implementos agrícolas, Benadoff transformou-se em um empenhado vendedor desses papéis junto aos investidores americanos. Na próxima semana, em Washington, um emissário seu tentará provar a presidentes de 22 Câmaras de Comércio latino-americanas e a executivos das maiores corporações americanas que o Brasil é um país viável.

Benadoff não é um vendedor comum. Teoricamente ele fala em nome de um poderoso universo empresarial: os associados da Câmara. São 400 empresas americanas que já apostaram 10 bilhões de dólares no Brasil. Esse valor se eleva se forem contabilizadas as empresas brasileiras e de terceira nacionalidade que têm negócios com os Estados Unidos. O balanço final revela que essas 700 companhias já depositaram aqui 14 bilhões de

dólares e são responsáveis pela geração de 750 mil empregos diretos.

Na sua conta deve ainda ser creditada uma revolução no comportamento da Câmara Americana. Em 64 anos de presença no Brasil, ela primou por sua atitude de passividade e mutismo. De 1985 para cá, pôs as mangas de fora.

— Vou levar o crédito de ter empurrado a Câmara para ser mais ativa — acredita Benadoff, que em junho próximo passa o bastão ao seu sucessor, a ser escolhido oficialmente em uma assembleia marcada para o dia 28 de maio. Benadoff transfere-se para o comitê executivo da Câmara, mas assegura que a entidade não deixará de falar.

Carta malcriada

A renúncia ao mutismo nem sempre foi bem vista pelo governo brasileiro. Em uma carta encaminhada no início do ano ao ministro do Trabalho, Almir Pazianotto, o presidente da Câmara alertou o governo para o risco de uma moratória, lembrando as possibilidades de retaliação dos credores, que poderiam inclusive partir para o confisco das mercadorias brasileiras em circulação nas águas internacionais.

Foi um alerta, não uma ameaça — esclarece agora Benadoff. Na semana passada, ele voltou a incomodar os gabinetes de Brasília quando se rebelou contra a possível adoção do câmbio livre para a remessa de lucros e dividendos para o

exterior, em malcriada carta enviada ao ministro da Fazenda Dilson Funaro, com cópias para outros escalões governamentais.

Em parte, o longo silêncio da Câmara Americana foi fruto de uma situação em que o capital estrangeiro gozava de total conforto no Brasil.

O capital estrangeiro sempre foi bem tratado aqui reconhece Benadoff. Sancionada em setembro de 1962, a lei nº 4131, que regula a remessa de lucros e dividendos; só foi alterada uma única vez, em agosto de 1964. Mas as leis eram claras. Nunca tivemos no Brasil o que estamos vendo agora: mudanças na regra do jogo — constata o empresário.

O fantasma da reserva

O desconforto atual dos investidores estrangeiros tem duas razões básicas. De um lado, o fantasma da reserva de mercado, que eles temem possa se estender para outras áreas, além da informática. Por outro lado, ficam assustados com possíveis mudanças, como no caso da remessa de lucros e dividendos.

Eu respeito muito o que se chama de soberania nacional, mas dentro dela tem que haver bom senso na área econômica — pede Benadoff, afirmando que a Câmara Americana não se deu ao trabalho de convencer os bastidores do governo a alterar a legislação. Lei é lei. E dentro dela vamos ver o que dá para fazer para

que o Brasil não fique isolado dos avanços tecnológicos.

A proposta desse empresário é de que sejam oferecidas condições mais favoráveis aos investidores estrangeiros.

Na tarefa de convencimento das autoridades brasileiras, Benadoff saca do bolso do colete um argumento particularmente capaz de sensibilizar os administradores da Concordatária Brasil S.A.: novos investidores significam mais dinheiro que permitirá à “empresa” continuar crescendo.

Crescer com dívida seria comprar mais um problema futuro, pondera. O Brasil tem que crescer via investimento — aconselha, antes de se declarar pesoso ao ver a evasão de capital do Brasil: Fico com pena quando vejo fábricas inteiras se transferirem para outros países, como Formosa e Coreia do Sul. O Brasil dá de dez a zero em qualquer outro país quando se trata de condições para investimento.

Constituinte e pressão sindical não assustam os investidores. Ao contrário, Benadoff acredita que a nova Constituição primará “pelo bom senso” no que se refere ao capital estrangeiro. A Câmara nem pensa em fazer lobby junto aos congressistas.

Não fazemos lobby aqui dentro — jura Benadoff. A única exigência dos investidores é de que, definidas as leis, elas sejam mantidas.